

A representação da mulher em *As velhas*, de Lourdes Ramalho

The representation of women in As velhas, by Lourdes Ramalho

Ananeri Vieira de LIMA¹
Beatriz Pazini FERREIRA²

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a representação da mulher nordestina no texto teatral *As velhas* (1975), de Lourdes Ramalho, para tanto, focalizamos nas personagens femininas Mariana, Ludovina e Branca. Para tanto, a nossa investigação é de base sociológica, tendo como apoio a teoria de Antonio Candido (2019), investigando as relações sociais presente no texto; e para nortear a pesquisa levamos em consideração os estudos realizados por: Prado (2011), Andrade e Maciel (2005), Koss (2000), Perrot (2017), Pontes (1979), Rosenfeld (2011) dentre outros. Concluímos que as personagens femininas seguem um ciclo vicioso, pois por mais que as personagens tentem sair das condições machistas, elas acabam permitindo, pois são as condições sociais que as impedem.

Palavras-chave: Representação da mulher. Personagem. Dramaturgia.

Abstract

This research aims to analyze the representation of northeastern women in the theatrical text *As velhas* (1975), by Lourdes Ramalho, for this purpose, we focus on the female characters Mariana, Ludovina and Branca. To this end, our investigation is sociologically based, supported by the theory of Antonio Candido (2019), investigating the social relations present in the text; and to guide the research we took into account the studies carried out by: Prado (2011), Andrade and Maciel (2005), Koss (2000), Perrot (2017), Pontes (1979), Rosenfeld (2011) among others. We conclude that the female characters follow a vicious cycle, because no matter how much the characters try to escape sexist conditions, they end up allowing it, as it is the social conditions that prevent them.

Keywords: Representation of women. Character. Dramaturgy.

Introdução

A literatura e a sociedade apresentam uma linha tênue, visto que aquela representa o pensamento e os sentimentos presente em diferentes períodos e diversos

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte / UERN. E-mail: ananervieiralimaf10@gmail.com

² Doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (PPGL/UEM). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma universidade. E-mail: beatrizpazini@uern.br

percursos da história da humanidade. Dessa forma, a obra literária é resultado da relação entre o interno (os aspectos formais do texto) e o externo (os aspectos sociais), com isso, a literatura ajuda, de certa forma, a entender a realidade, conforme ressalta Candido (2019), a criação literária corresponde à necessidade de representação do mundo.

E falando em literatura, não podemos deixar de destacar a presença das mulheres, assim como em todas as outras esferas sociais, na literatura, as mulheres vem ocupando seu espaço cada vez mais, um exemplo é a escritora Lourdes Ramalho. A referida autora apresenta uma extensa obra teatral, a mesma é considerada a inventora do regionalismo no teatro sobre a cultura nordestina, e a mesma deixou um verdadeiro legado de vida em seus livros, peças e em suas personagens, principalmente as femininas, em que o aspecto que mais chama atenção em sua obra é o protagonismo das mulheres. *As velhas*, obra escrita em 1975, apresenta várias abordagens, tais como: a peregrinação e o adultério, e principalmente a representação do papel e o lugar da mulher na sociedade, em que nos leva a refletir sobre a virgindade/honra e também a relação entre a esfera privada e a esfera pública.

Objetivamos, por meio deste artigo, analisar a representação da mulher nordestina no texto teatral *As velhas* (1975), do Lourdes Ramalho, apontando para o conflito existente entre as duas famílias lideradas por mulheres, para tanto, focalizamos nas personagens Mariana, Ludovina e Branca. Dessa forma, investigamos as relações sociais e culturais que estão inscritas no espaço do texto literário, tomando como base principal a teoria de Antonio Candido (2019). A realização desta pesquisa se justifica pela importância da análise do texto teatral no quadro dos estudos literários, levando em consideração as configurações sociais e culturais que influenciaram a construção das personagens feminina.

No tocante à organização estrutural, o artigo encontra-se dividido em tópicos. Iniciamos fazendo uma breve introdução, e, em seguida, abordamos um pouco acerca da dramaturgia de Lourdes Ramalho. Em um segundo momento, focalizamos na análise do texto teatral, abordando acerca da representação do feminino no texto teatral, refletindo acerca da representação da mulher, a partir das personagens Mariana, Ludovina e Branca. Nas considerações finais realizamos algumas inferências que nos foi possível chegar após a análise realizada, no entanto, devemos destacar que nenhuma pesquisa pode finalizar um tema, pois em cada tema existe uma pluralidade de interpretações.

A representação da mulher na literatura

É fascinante observar o crescente papel e a contribuição das mulheres na literatura ao longo do tempo. Mulheres escritoras têm desafiado estereótipos e barreiras, enriquecendo a literatura com suas vozes únicas e perspectivas diversas. Segundo Zolin (2009, p. 254): “No Brasil, como no exterior, a literatura de autoria feminina, de até bem pouco tempo atrás, não existia efetivamente, isto é, não aparecia no cânone tradicional”. E ao longo da história, muitas autoras têm influenciado significativamente a literatura, abordando questões sociais, políticas, culturais e pessoais.

A representação das mulheres literatura muitas vezes reflete e critica as normas sociais e históricas que contribuíram para a opressão das mulheres. Ao longo da história, a literatura tem sido uma forma de expressão que reflete e influencia as visões culturais e sociais, pois: “[...] as vozes femininas, assim com as vozes das minorias étnicas e sexuais, estiveram por tanto tempo silenciadas no âmbito social e, conseqüentemente, na literatura[...]” (Zolin, 2009, p. 254), fazendo com que vários escritores e escritoras abordassem as questões de gênero e a opressão das mulheres em suas obras, proporcionando uma visão crítica das normas sociais vigentes.

Por muito tempo as personagens femininas foram e as vezes ainda são retratadas como submissas, restritas a papéis tradicionalmente associados ao cuidado doméstico e à maternidade, ou limitadas em suas aspirações e oportunidades. As mulheres são educadas desde criança para casar e para viver esse casamento, em que a mulher sempre foi vista como um objeto, que passava de um dono (pai) para outro (marido). Nessa perspectiva, Koss (2000, p. 155) esclarece que: “Em sua relação social, a classificação das mulheres passava pelo seu papel na família, a divisão mais básica consistindo em virgens (filhas), esposas e viúvas”, ou seja, o destino natural das mulheres era o casamento, pois em uma sociedade patriarcal os papéis destinados as mulheres eram os de: mãe, esposa e dona de casa. Essas representações refletem as ideias arraigadas na sociedade sobre o papel ideal de mulheres, perpetuando assim a opressão de gênero.

A literatura contribui para que possamos refletir acerca de uma determinada realidade, percebendo assim a linha tênue entre literatura e sociedade. Isso acontece porque o escritor da obra literária está condicionado pela sociedade, contribuindo para que, por meio dos textos, possamos refletir acerca da realidade social. Em outras palavras,

as narrativas trazem como personagens que têm valores reais, e muitas das vezes, questionam os papéis sociais:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (Candido, 2019, p. 16-17).

Nesse tipo de análise são postos à disposição aspectos que traz uma reflexão acerca da imagem social da mulher, podendo apontar problemas e conflitos reais da atualidade. A literatura tem sido um meio de resistência e subversão, muitas autoras têm usado suas obras para desafiar e questionar as normas de gênero, destacando em suas obras a luta das mulheres por igualdade, autonomia e reconhecimento, representando de acordo com Zolin (2009) a mulher sujeito, que são aquelas capazes de decidir o rumo que desejam imprimir para a própria vida, sem esperar por decisões masculinas. Através de personagens femininas complexas, narrativas que exploram as experiências femininas e críticas sociais, a literatura tem contribuído para o diálogo sobre questões de gênero e para a promoção de mudanças na sociedade.

Lourdes Ramalho: primeira dama de teatro nordestino

Maria de Lourdes Nunes Ramalho é uma dramaturga nascida em 23 de agosto de 1923, no município de Jardim do Seridó, atual Caicó, no Rio Grande do Norte. Vem de uma família de intelectuais e artistas que estão envolvidos com manifestações culturais e populares. É interessante notar a influência cultural e artística presente na família de Maria de Lourdes Nunes Ramalho, o que pode ter contribuído para sua trajetória como dramaturga (Andrade; Maciel, 2005).

Nascida numa família de fazendeiros e de intelectuais e artistas ligados a expressões e práticas culturais populares, Lourdes Ramalho, sem deixar de ter acesso ao que havia de melhor em termos de educação formal no sertão nordestino da primeira metade do século XX, cresceu em contato com cantadores de viola, cordelistas e contadores de histórias. Terá sido este o caminho pelo qual lhe foi possível captar o processo de *mistura* da literatura popular, assimilado posteriormente à sua escrita dramática (Andrade, 2005, p. 125).

Lourdes Ramalho é uma escritora dramática que teve suas primeiras experiências na área durante a adolescência. Nessa fase, ela começou a registrar os hábitos, falas e visões de mundo das mulheres e homens presentes em seu cotidiano. Desde então, Lourdes foi assistida e incentivada por sua mãe, Ana Brito, que também é professora e dramaturga. Com o apoio e incentivo de sua mãe, Lourdes Ramalho aprimorou suas habilidades como escritora dramática e continuou a explorar as vidas e perspectivas das pessoas em suas obras. É possível que ela tenha desenvolvido um estilo próprio ao longo dos anos, influenciado tanto por experiências pessoais quanto pela orientação e inspiração de sua mãe (Andrade; Maciel, 2005).

Ela faleceu em Campina Grande, na Paraíba, no dia 7 de setembro de 2019, aos 99 anos de idade. Sua morte representa uma perda significativa para o cenário teatral brasileiro. Lourdes Ramalho era considerada uma visionária, pois suas peças abordavam temas relevantes e atuais, e ela sempre defendia a abertura de novos espaços para o teatro, tanto para a representação da cultura nordestina quanto para dar voz às mulheres. Sua obra foi marcada pela sensibilidade e pela capacidade de retratar as diferentes facetas da vida e da sociedade, com um olhar voltado especialmente para as questões femininas³.

Lourdes Ramalho é uma dramaturga brasileira conhecida por sua obra que investiga a cultura popular nordestina. Sua obra conta com cerca de cem textos dramáticos (Lima, 2016). No entanto, apenas metade deles teria sido preservada e recolhida por grupos de teatro brasileiros e de outros países. Infelizmente, apenas um pequeno número dessas obras está publicado e disponível para leitura. Por meio de suas peças, ela abordou temas relacionados à vida, tradições, valores, crenças e desafios enfrentados pelas pessoas dessa região do Brasil, contribuindo de forma significativa para o teatro brasileiro e para a compreensão da cultura nordestina.

A obra *As Velhas* foi publicada em 1975 e teve um impacto significativo, sendo reconhecida por suas qualidades e premiada. De acordo com Maciel (2005), esse texto apresentou a escritora Lourdes Ramalho no cenário nacional da dramaturgia. Ele recebeu elogios e foi saudado como magnífico em um festival de teatro amador no Paraná, o que contribuiu para que ela recebesse uma posição de destaque na dramaturgia paraibana. No entanto, apesar desse reconhecimento inicial, é possível que a literatura de Lourdes Ramalho seja pouco conhecida e estudada na academia. Isso pode ser resultado de vários

³ Informação disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/09/07/escritora-e-dramaturga-lourdes-ramalho-morre-aos-99-anos-em-campina-grande.ghtml>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

fatores, como a predominância de outros autores e correntes literárias nos estudos acadêmicos, a falta de divulgação e promoção de suas obras, ou até mesmo a ausência de análises críticas aprofundadas sobre sua produção. De acordo com Maciel (2005, p. 114): “[...] a obra dessa dramaturga ainda é pouco referenciada em trabalhos acadêmicos que tratem das expressões dramáticas do último quartel do século XX, época em que ela desenvolve grande parte de seu trabalho”. Aspecto que pode ter contribuído para que a história do teatro nordestino não tenha recebido destaque e referida autora carecer de divulgação.

Através de suas obras, Lourdes Ramalho trouxe à tona temas como a submissão das mulheres aos homens, especialmente em relacionamentos conjugais, assim como a busca pela liberdade e a subversão dessas estruturas opressivas. Suas personagens femininas são retratadas como seres viscerais, que lutam por sua identidade e que desafiam os papéis tradicionalmente atribuídos a elas. Ao colocar as mulheres como protagonistas em suas narrativas, Lourdes Ramalho ajudou a quebrar estereótipos e ampliar a visibilidade das experiências femininas. Ela absorveu uma profunda reflexão sobre a condição da mulher na sociedade, levando o público a repensar conceitos arraigados e questionar as normas sociais que limitam o poder e a autonomia das mulheres.

O legado deixado por Lourdes Ramalho se estende além de suas obras individuais, influenciando outros artistas e escritores a explorarem a complexidade e a diversidade das personagens femininas em suas próprias criações. Sua contribuição para a dramaturgia e para a representação das mulheres é inegável, e ela é considerada uma referência quando se trata da construção de personagens femininas poderosas e impactantes.

De acordo com Rosenfeld (2011) é por meio das personagens que a ficção se adensa, ela constitui a obra literária, ou seja, é a personagem que dá vida ao enredo. Existem uma semelhança entre o romance e a peça de teatro, pois ambos narram uma história, contam alguma coisa que supostamente tenha acontecido. E a personagem em ambos os textos são o elemento mais importante, sem elas não existe enredo, conforme ressalta Prado (2011):

[...] a personagem, de certa maneira, vai ser o guia que nos permitirá distinguir os dois gêneros literários. No romance, a personagem é um elemento entre vários outros, ainda que seja o principal. [...] No teatro, ao contrário, as personagens constituem praticamente a totalidade da obra: nada existe a não ser através delas (Prado, 2011, p. 84).

Os enredos falam sobre o homem, no entanto, isso acontece no teatro de forma mais significativa, pois, é por meio da presença do ator que o faz. A personagem teatral ao se dirigir ao público dispensa a mediação de um narrador, portanto, é o elemento chave das peças teatrais, pois: “A história não nos é contada, mas mostrada como fosse de fato a própria realidade” (Prado, 2011 p. 85). Nos textos teatrais de Lourdes Ramalho as personagens que se destacam são as femininas, em que observamos uma grande diversidade, invertidas posições ocupadas pelas personagens, figuras femininas fortes.

As velhas: representações do feminino

O texto *As velhas*, escrito por Lourdes Ramalho, é uma peça teatral nordestina que aborda as frentes de trabalho de emergência organizadas pelo governo durante os períodos de seca. Através dessa obra, podemos observar uma denúncia aos desvios e roubos cometidos pelos políticos, nos quais os personagens lidam nessas frentes de emergência e recebem apenas uma escassa quantidade de mantimentos, vivendo uma situação que se assemelha à escravidão. Um aspecto destacado no texto é o embate entre duas personagens principais, Mariana e Ludovina. Ambas são mulheres fortes e mães que encorajam suas dores no meio à seca. O gira em torno do destino das famílias desses dois personagens, explorando as dificuldades e desafios que enfrentam na luta pela sobrevivência em um contexto tão adverso. A peça "As velhas" traz à tona questões sociais, políticas e humanas presentes no cenário do Nordeste brasileiro, destacando-se a exploração da mão de obra, a corrupção política e a resiliência das pessoas diante das adversidades. Conforme destaca Maciel (2005, p. 117): “N’*As velhas* discute-se tudo isso: a seca, o poder político, a posição das matriarcas na organização familiar e social, vinganças e êxodo rural, temas que antes de serem ‘regionais’ são ‘universais’”. Nas velhas retrata uma parte do Brasil, a região Nordeste, situada no período das emergências, criadas pelos governos no período da seca, com o intuito de ajudar as comunidades rurais. Foca no destino de duas matriarcas, sendo uma sertaneja (Mariana) e uma cigana (Ludovina).

Na história de *As Velhas*, acompanhamos a vida de diferentes personagens e suas confortáveis. Vou apresentar um resumo da história, destacando os principais eventos e relacionamentos entre os personagens mencionados. Mariana é uma sertaneja de 42 anos

de idade e mãe de dois filhos: Chicó, um rapaz de 20 anos, e Branca, uma moça de 16 anos. O pai de Chicó e Branca se chama Tonho, que abandonou a família quando Chicó ainda era criança. Tonho fugiu com uma cigana Ludovina, conhecida como Vina. No entanto, pouco tempo depois, Tonho sofre um derrame que o deixa prostrado e dependente de cuidados. Ludovina perdeu o bebê que esperava de Tonho, e posteriormente ficou alegre, tornando-se um fardo para seu filho José, um rapaz de 22 anos. José cuida tanto de sua mãe aleijada quanto de Tonho, que se tornou seu pai de criação. Ele enfrenta desafios ao assumir a responsabilidade de cuidar de ambos. Tomás, um vendedor ambulante de 30 anos, desempenha um papel importante na história. Ele se aproxima da família de retirantes composta por Mariana, Chicó e Branca, e se torna um elo de ligação entre eles e José. Com o tempo, José e Chicó desenvolvem uma amizade, enquanto José mantém um relacionamento secreto com Branca, a filha de Mariana. A história aborda temas como abandono, responsabilidade familiar, superação e relacionamentos interpessoais. Através desses personagens e suas vivências, *As Velhas* retrata a complexidade das relações humanas e as dificuldades enfrentadas por cada um deles.

O enredo de *As velhas* ocorre em três ambientes distintos, cada um deles representando diferentes aspectos da vida dos nordestinos e sua luta contra a seca. O primeiro ambiente é a "oiticica", uma árvore de grande porte onde uma família de retirantes se abriga. A oiticica é um símbolo de resistência e proteção na paisagem árida do sertão nordestino. O segundo ambiente é a casa de Ludovina, que representa um lugar de acolhimento temporário para a família. Essa casa pode ser vista como um refúgio dentro da realidade difícil enfrentada pelos nordestinos em busca de melhores condições de vida. O terceiro ambiente é o "mato", que serve como um caminho de encontro e reencontro dos personagens. É através desse terreno que eles percorreram um trecho do sertão, passando pelo Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, enquanto procuravam por Tonho, um personagem ausente. O "mato" simboliza a jornada difícil e perigosa enfrentada pelos retirantes, bem como a vastidão e o início do caminho que eles percorreram. Ao destacar o cotidiano dos nordestinos e sua necessidade de mudar de lugar na fuga da seca, o texto ressalta a dura realidade enfrentada por essas pessoas, que são forçadas a deixar suas terras em busca de sobrevivência. A seca é um elemento central na história, impulsionando a busca por uma vida melhor e criando uma necessidade de adaptação constante aos novos ambientes. A cena retrata a resiliência e a força dos

personagens diante das adversidades, bem como a importância da família e da união em tempos difíceis.

O enredo se inicia com a família de retirantes, Mariana, Chicó e Branca a procura de um abrigo e encontram a oiticica. Chicó pediu para a mãe parar com as andanças, queria ficar na oiticica até chegar o inverno, pois, segundo ele todo lugar, nesse tempo, é de pior a pior. A mãe por sua vez diz que o que a deixa inquieta não é o lugar, mas sim os serviços pesados impostos a seu filho. Chicó diz não se importar, e que homem tem que enfrentar toda diversidade de trabalho. Branca lamenta e diz que não aguenta mais: “Tou cansada de viver pra riba e pra baixo, os cacarecos na cabeça, como se a gente tivesse sido a vida toda retirante...” (Ramalho, 2005, p. 20). No texto podemos perceber um dos maiores problemas regionais do Nordeste, a seca, quando Branca se revolta, dizendo que não eram para ter saído de casa e viver como retirantes, conforme podemos observar no diálogo entre mãe e filha:

Mariana (*Que escutava.*) E que diabo você queria ficar fazendo naquele desterro? – Comendo lagartixa assada ou fazendo vida de santa?

Branca Se a gente num tivesse saído aparecia um jeito. Das outras vezes ninguém saiu e escapou tudo – até as criação.

Mariana Mas isso foi das outras vez. – mas dessa feita – num tem jeito dê jeito... (*Veemente*) Será que você num via a urubuzada nas carniças dos bicho morto, as ossada quarando no sol, nem a derradeira rês, que, pra num morrer de fome, tive que vender por pouco mais que nada? (Ramalho, 2005, p. 20).

Mesmo diante das dificuldades, Mariana demonstra ser uma mulher forte, que não baixa a cabeça e seguiu em frente criando os filhos sozinha, e, por conta da seca, tornam-se uma família de retirante. A personagem Mariana é arisca, desconfiada, devido a trajetória vivida no passado, no entanto, podemos perceber que a mesma na verdade anda em busca de algo, que não foi só a seca que a fez ela viver como retirante, que diante da decepção de ter sido deixada com Chicó pequeno e Branca ainda na barriga e ter lutado para criar os filhos sozinha, ela ainda buscava pelo marido que havia deixado ela para ir embora com a cigana Ludovina, como podemos perceber na fala da personagem Mariana, no trecho que segue:

Tou mais banida que couro-de-pisar-fumo. – Também, viver que nem judeu errante... Mas, já comecei vou até o fim... Esperei a vida inteira por isso: andar, andar até achar aquele ingrato. (*Suspiro*) – Talvez fosse

melhor ter morrido tudo em casa, numa ruma feito tapuru... Mas as lei de Deus tem que ser justa, tem fazer ela pagar tim-tim por tim-tim todo mal que me fez (Ramalho, 2005, p. 23-24).

Verificamos que nos sentimentos de Mariana existe uma mistura de amor e ódio por Tonho. Isso levamos a refletir o quanto a mulher é desvalorizada e é colocada em posição de “secundarização”, em que sociedades imperam o machismo como algo natural que é transmitido de geração para geração, diminuindo as chances da posição de destaque da mulher e aumentando o índice de violência contra a mesma.

Mariana lamenta a situação em que se encontra e afirma que se tivesse com o marido a situação dela seria outra, que não seria retirante. Como se o homem exercesse uma posição dominante como algo inquestionável, como se o sexo masculino tivesse o poder de controlar toda e qualquer situação, até mesmo as consequências da seca, conforme podemos constatar na fala de Mariana no trecho que segue:

- Queria ver se com Tonho a gente tinha desandado a esse ponto...Tina nada! – Tonho era aquela moleza, aquela queda pela feme, mas era homem – e homem de todo jeito é respeitado. Se num fosse aquela cadela prenha ter se atravessado na vida da gente... Tirou o pai de meus filhos, o sossego da família... Foi que nem a outra disse – ah, praga dos seiscentos diabo -, fiquei sem meu Tonho e quem quiser que pense o que é uma mulher nova, forte, viçosa, caçar nos quatro canto da casa o seu homem e só achar a saudade dele... Dá vontade da gente desabar no meio do mundo e fazer tudo o que numa presta... isso eu num fiz, sei mesmo que num fiz pela obrigação dos filhos, mas ele merecia (Ramalho, 2005, p. 24).

Na passagem acima podemos perceber as reflexões da personagem Mariana sobre a perda da vivência de sua sexualidade quando era jovem, desencadeada, abandonada pelo marido, que foi levado embora pelos encantos da cigana. No entanto, Mariana também demonstra que não necessita de homem para proteger, que ela sabe se defender sozinha, conforme nós podemos verificar no momento em que, quando a família de retirante estava arranchada na oiticica, o Tomás vendedor ambulante chegou:

Tomás (*Aparecendo.*) Bom dia, dona.

Mariana (*Arrisca*) Que é que o senhor quer?

Tomás (*Tentando explicar.*) Dona, eu ia passando...

Mariana (*Agressiva*) O senhor sabe que é muito mal prometido chegar assim, na casa alheia, de chapéu de sol armado, como se fosse conhecido antigo?

Tomás (*Desculpando-se.*) ... ia passando e vi gente arranchado aqui...

Mariana E isso era pro senhor embocar sem mais nem menos nos canto, confiado como se já fosse amigo do peito?

- Tomás (*Querendo agradar.*) Sabe, dona, eu ando mascateando e vim saber se tão precisando de alguma coisa.
- Mariana (*Ferina*) E por isso vem se chegando todo de bandinha, todo mansinho... Isso é lá procedimento de gente de vergonha! – Se tivesse negoço, aparecesse logo, abatesse palma, chamasse pelo povo – assim é que faz quem tem boa atenção, meu senhor.
- Tomás (*Enleado*) Dona, adisculpe, eu não sou malfazejo não, sempre soube entrar e sair em toda parte sem deixar fama de desordeiro ou atrevido.
- Mariana O sonhor num obrou bem, usando de moitim como acabou de usar...
- Tomás Num ignore, dona, é que por volta de dez légua todo mundo me conhece e eu pensei...
- Mariana Todo penso é torto e num lhe conheço e nem o senhor a mim, do contrário já tava sabendo que num sou mulher de prosa nem de braço no pescoço - e mais – pra ter minha confiança a pessoa tem que, primeiro, comer uma saca de sal mais eu...
- Tomás (*Reagindo.*) Até aqui nunca tive malquerença com ninguém – o que ouço num canto lá mesmo deixo, nunca fuxiquei e sempre fui benquisto – se a senhor quiser saber quem é Tomás Mascate é só especular.
- Mariana (*Cortando.*) Num tem precisão. Nessa terra num conheço ninguém, nem tenho vontade de conhecer – eles pro canto deles e eu pro meu, tá ouvindo?
- Tomás De qualquer jeito, se a dona precisar de mim é só dizer...
- Mariana Agradecida, mas num vou precisar e tamos conversado... (Ramalho, 2005, p. 25-26).

Tomás pediu a José, que era feitor, em uma turma de emergência, para conseguir um emprego para Chicó. Como feitor, José descobriu vários males feitos pelos políticos, como desvios de mantimentos, nomes de falecidos alistados com o objetivo de embolsar dinheiro, e junto com Chicó juntaram provas e fizeram uma denúncia. Vina não gostava da amizade de José com Chicó, pelo motivo de este não ter pai. Observamos que Vina apresenta marcas de machismo: “Mãe, irmã – mas pai, que é o chefe da família, por certo o gato comeu...” (Ramalho, 2005, p. 37). Sempre existiu a ideia de predominância masculina em todos os campos, principalmente quando se fala na figura paterna, e atitudes machistas tanto podem partir de homens quanto de mulheres, como é o caso da personagem Ludovina que discrimina Chicó por ele não ter a representação paterna.

Mariana era revoltada com a situação de sua família, ela é uma mulher muito amarga, dura com ela mesma, pois mesmo diante do abandonado ainda permaneceu fiel ao marido, nunca aceitou que nenhum outro homem se aproximasse dela. Ela criou os filhos sozinha como homem e mulher da casa, cuidando do roçado, das criações, durante dezesseis anos, podia ter se casado de novo, mas não quis, como é constatado quando é

questionada por Branca, Mariana respondeu: “Que é isso, menina? – Eu nem sei se sou casada ou viúva. Ia lá cometer um pecado?” (Ramalho, 2005, p. 42). Aqui podemos perceber a cultura religiosa enraizada na mentalidade/pensamento da personagem. Nesse sentido, devemos repensar os papéis sociais em que se refere a desigualdade e livra-se das marcas de subordinação das mulheres em relação a essa cultura enraizada na mente das mulheres.

No decorrer do texto podemos perceber que Mariana, pelo motivo de ter sido abandonada, demonstra desprezar os homens. Esse perfil é diferente da filha Branca, que é uma moça sonhadora, que pensa em casar, e se incomoda porque a mãe não deixa espaço para que nenhum rapaz se aproxime dela, conforme pode ser constatado no trecho que segue:

Branca Desse jeito – já sei que nunca vou casar.
Mariana E num perde nada. Você pensa que vida de casada é essas coisas? – Pois olhe aqui – casamento e merda é uma coisa só.
Branca Mas eu num nasci pro caritó.
Mariana Caritó é pra quem casa, menina.
Branca Queria ter o que fosse meu – casa, marido... Num queria ser mandada, como escrava.
Mariana Ô engano da molesta. – É sair dum dono pro outro. Mulher nasceu pra ser sujeita mesmo.
Branca Mas a gente tendo marido, mesmo sujeita a ele, tem direito a outras coisa – coisa que a mulher solteira num pode, a senhora sabe... (Ramalho, 2005, p. 39).

A personagem Mariana é uma mulher que tem consciência da dominação masculina, mas não luta para mudar essa realidade, como afirma Perrot (2017 p. 17) é: “Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra.”. Ou seja, ela entende essa condição da mulher como algo natural. Nesse diálogo, entre Mariana e Branca, podemos perceber as marcas do patriarcado. É notável a revolta de Mariana, a frustração em relação as relações ao enlace matrimonial.

A obra aborda a temática da mulher na sociedade, explorando o conflito vivido por Branca. Ela é descrita como uma personagem ingênua, que está descobrindo sua feminilidade e se apaixona por José. No entanto, o relacionamento deles é mantido em segredo, com a ajuda de Tomás, pois Mariana e Vina, possivelmente figuras autoritárias ou conservadoras, não aprovariam o namoro. Branca enfrenta um dilema entre o amor que sente por José, que coloca as demandas de sua própria mãe acima de tudo, e a opressão imposta por Mariana. Mariana adverte Branca sobre os perigos visões

representadas pelos homens e expressa sua negativa sobre o casamento, refletindo nas condições das mulheres na sociedade em geral. A abordagem de Lourdes Ramalho obra nos convida a refletir sobre a posição da mulher na sociedade, não apenas na época retratada, mas também nas condições sociais de tempos passados. Através da personagem de Branca, a autora explora a tensão entre a engenhosidade infantil e a emergência da mulher, assim como as limitações e opressões impostas às mulheres na sociedade. Essa obra nos convida a questionar as normas sociais e os papéis de gênero impostos às mulheres, além de destacar as restrições que muitas vezes impedem de realizar seus desejos e ambições pessoais. Através da história de Branca, Lourdes Ramalho levanta questões relevantes sobre a condição feminina, convidando-nos a refletir sobre o progresso e as mudanças sociais necessárias para alcançar uma maior igualdade de gênero.

Branca ficou grávida de José, que ao ficar sabendo prometeu que quando resolver a questão da denúncia, iria resolver tudo e eles se casariam. No entanto, Branca tinha pressa, pois a barriga está crescendo e os enjoos também, e não está mais dando para disfarçar. Ela passa a acreditar que assim como sua mãe, Mariana, ela também recebeu a desgraça, maldição do abandono e, não tem outra saída a não ser levantar a cabeça. Vale lembrar que no momento que Branca estava falando para José da gravidez, a mãe dela a tinha seguido e tinha escutado toda conversa e fica revoltada por descobrir que sua filha não é mais donzela, conforme o monólogo de Mariana, enquanto caminha até a casa de Vina:

A minha filha, a minha donzela, os zelos de minh'alma e orgulho do irmão – num passa de duma desavergonhada, que se entregou nos mato, como um bicho bruto... E, agora, prenha, corre atrás do macho, rebaixada até o último ponto – mulher bulida, sem valia, mendigando a compaixão que num merece. – Quem quer casar com uma puta? – Quem tem coragem de levar pro altar uma virgem de mentira, uma virgem com um menino pinotando no bucho? – Nem ele, o culpado. – Agora, eu, a mãe, que bote o pano na cabeça e vá me humilhar, vá rogar nos pés do sedutor que limpe o nome dela – antes que o irmão dê fé e acabe com os dois (Ramalho, 2005, p. 55).

Como podemos perceber, o preconceito se debatia no íntimo de Mariana, por sua filha não ser mais donzela, pois para época a sociedade esperava que a mulher reprimisse a sua sexualidade até o casamento, caso contrário o rapaz teria que assumir a moça, ou seja, limpar a honra e se ele não aceitasse se casar seria morto pelo pai ou irmãos da moça como afirma “[...] obrigatoriedade do casamento: ou casa ou morre; e muitos preferiam

casar porque era melhor que morrer” (Pontes, 1979, p. 30). Mariana ao chegar à casa de José encontrou Ludovina, mas só a reconhece quando começa a conversar e percebe que a voz da mulher é idêntica a cigana que roubou seu marido. As duas mulheres discutem e relembram as coisas do passado, e Ludovina até confessa que já fazia um tempo que namorava com Tonho, por isso ele levou o bando dela para o sítio dele. Mariana, pergunta por Tonho e ela diz que está prostrado na sala que ela pode entrar para ver e que podia levar para cuidar, pois ela quem deveria cuidar já que era a mulher legítima. Ludovina só demonstra desprezo por Tonho, como podemos observar no trecho a seguir:

Vina (só) “O meu marido... o meu Tonho” (*Com desprezo*) – Vai, danada, pega teu saco incriquilhado de riba da esteira. – Leva teu feixe de osso – um peso-morto que só serve pra dar trabalho. – Grande figura! Uma carga pesada que me caiu no lombo desde que veio pra minha companhia! – Quem me dera me aliviar dessa cruz, era mesmo que uma carta de alforria, ou o perdão duma prisão perpétua. – Uma boca que come mais que impingem e, quando o comer vai entrando, já vai saindo e desgraçando tudo... Vai-te, espirito de Satanás! Vai-te com tua munição! (Ramalho, 2005, p. 59).

Mariana quando ver a situação do marido, de imediato fica arrasada, depois diz que foi bem feito, que foi castigo de Deus, reagindo com ciúmes, Ludovina continua insistindo que Mariana tem que levar, e ela diz que vai pensar, que primeiro tem que conversar com os filhos para saber se eles querem ou não. Mariana muda de assunto e diz o que a trouxe ali. Se humilha a ela pedindo a ajuda para que a honra de sua filha seja lavada, porém Ludovina não aceita que o filho dela se case com a filha de Mariana. Diante disso, elas começam a discutir e Mariana diz que ele vai se casar por bem ou por mal, ou será um homem morto, pois Chicó iria matá-lo. Em meio a discussão, Tomás passou correndo dizendo que Chicó e José estão baleados no barracão, onde foram apurar a denúncia das fraudes. Ambas perguntam a Tomás se eles estão vivos, ele responde que só viu eles caindo no chão numa poça de sangue e que não tinha nenhum carro para levar eles até a rua, sendo assim ele estava indo a procura de um rapaz de uma bicicleta para que possa ir buscar o médico, diz isso e sai correndo.

Mariana entrou em desespero, pois fazia pouco tempo que está naquele lugar e não conhece o caminho do barracão, entretanto, Ludovina sabe, mas como ela não pode andar não tem como ir. Mariana pede que ela ensine o caminho, mas ela diz que só ensina se ela a levar, como não tem outra saída, Mariana aceita a proposta, mas só se ela prometer

se jurasse pela vida e salvação dele e ela concorda. Assim desaparecem as duas, caminho afora murmurando juras.

Como podemos observar, os destinos das duas mulheres se cruzam novamente, através da amizade dos dois filhos, conforme a leitura realizada pelo estudioso Maciel “Curiosamente, as vidas dessas mulheres sempre se cruzam em fios tecidos pela vivência da sexualidade feminina, que está presente e forte em todo texto, que sem dúvida, é mais sólido na tessitura das personagens femininas” (Maciel, 2005 p. 118). Podemos dizer que o percurso de Mariana gira em torno da busca de sua inimiga, acontecendo uma perda de vivências quando jovem assim ela passa toda a sua afetividade para os filhos, deixando de ser mulher para ser apenas mãe.

Considerações finais

Com a pesquisa realizada, foi possível verificar que as personagens femininas Mariana e Ludovina, as protagonistas, são duas mulheres fortes e mães que desfilam suas dores em meio a seca, e o enredo gira em torno do destino da família dessas duas personagens. Na análise evidencia que a família de Mariana se tornara retirante não só pelos problemas regionais do Nordeste, a seca, mas pela busca por Tonho.

Dessa forma, buscamos contribuir para os estudos acerca das condições do ciclo vicioso das mulheres a partir da trajetória de duas famílias que se cruzam, em meio a intrigas, amor e ódio, levando-nos a refletir sobre as condições da mulher na sociedade, e, quantas mulheres podemos encontrar em situações semelhantes ou até piores. Muitas vezes as condições sociais e até mesmo culturais as impedem de romper esse ciclo, pois, por mais que as personagens tentem sair das condições machistas, elas acabam permitindo, pois são as condições sociais que as impedem.

Em suma, esperamos, ao menos minimamente, através deste estudo, levantar uma centelha de curiosidade em relação ao texto teatral, de Lourdes Ramalho, e despertar uma busca mais aprofundada ao tema que tentamos abordar. Para tanto, devemos destacar que nenhuma pesquisa pode finalizar um tema, pois em cada tema existe uma pluralidade de interpretações.

Referências

- ANDRADE, Valéria. De encantações errâncias e cantorias. *In*: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Teatro de Lourdes Ramalho**: 2 textos para ler e/ou montar. Organização, apresentação, notas e estudos: Valéria Andrade e Diógenes André Vieira Maciel. Campina Grande / João pessoa: Bagagem/ Ideia, 2005, p. 123–131.
- ANDRADE, Valéria. MACIEL, Diógenes André Vieira. Apresentação: Lourdes Ramalho revisitada. *In*: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Teatro de Lourdes Ramalho**: 2 textos para ler e/ou montar. Organização, apresentação, notas e estudos: Valéria Andrade e Diógenes André Vieira Maciel. Campina Grande / João pessoa: Bagagem/ Ideia, 2005, p. 07–14.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 13. ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.
- KOSS, Monika Von. **Feminino + Masculino**: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000.
- LIMA, Duílio Pereira da Cunha. Autoria e representação femininas em *As velhas*, de Lourdes Ramalho: quando um texto dramático permanece atual. *In*: **Anais XII CONAGES**. ISSN: 2177-4781, Editora realize. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18388>>. Acesso em: 1 de Jan. de 2023.
- MACIEL, Diógenes André Vieira. Ainda, e sempre, *As velhas*. *In*: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Teatro de Lourdes Ramalho**: 2 textos para ler e/ou montar. Organização, apresentação, notas e estudos: Valéria Andrade e Diógenes André Vieira Maciel. Campina Grande / João pessoa: Bagagem/ Ideia, 2005, p. 113–122.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. 2. ed., 4. reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2017.
- PONTES, Antônio Barroso. **Sertão brabo** - usos e costumes-. João Pessoa: A união - Cia. Editora, 1979.
- PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. *In*: CANDIDO, Antonio. *Et al.* **A personagem de ficção**. 12. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 81- 101.
- RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *As velhas*. *In*: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Teatro de Lourdes Ramalho**: 2 textos para ler e/ou montar. Organização, apresentação, notas e estudos: Valéria Andrade e Diógenes André Vieira Maciel. Campina Grande / João pessoa: Bagagem/ Ideia, 2005, p. 17-66.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. *In*: CANDIDO, Antonio. *Et al.* **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 9 -49.
- ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Tomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 253-261.